

Produzindo prazeres, gerindo pecados: uma etnografia do mercado erótico voltado para evangélicos¹

Maisa Fidalgo (mestra em antropologia social PPGAS/IFCH Unicamp; pesquisadora CEBRAP; docente titular da ETEC-Centro Paula Souza/SP e rede SESI/SP)

Palavras-chave: Mercado erótico; religiosidades; consumo.

“Deus disse cresci e multiplicai-vos, mas em nenhum lugar da Bíblia está escrito que não se pode fazer isso com prazer”. Essas palavras são de João Ribeiro, empresário e fiel da igreja Congregação Cristã do Brasil² e foram ditas na ocasião do lançamento do Guia Gospel para Sex Shop e Consultores de Casais durante a edição da Erotika Fair de 2015. A Erotika Fair permaneceu durante alguns anos como o maior evento do ramo de produtos eróticos do Brasil e ocorria em São Paulo por iniciativa da ABEME (Associação Brasileira das Empresas do Mercado Erótico e Sensual)³. A palestra de Ribeiro e o lançamento do Guia ocorreram em um espaço reservado, administrado por uma empresária, como parte de um ciclo de palestras direcionadas para empresários do nicho de artigos eróticos que compreende proprietários de lojas sex shop online e off-line e consultores de casais. O Guia consiste em material inédito de recomendações para adaptação de discursos, espaços e artigos eróticos voltados para evangélicos. Os temas variavam entre sugestões para canais de venda na internet, como ingressar no mercado, como ter um diferencial nos negócios e outros tópicos semelhantes. Fora desse espaço estavam organizadas atrações como shows de *strip tease* e vários stands de venda de artigos eróticos de marcas diversas e direcionadas para públicos variados.

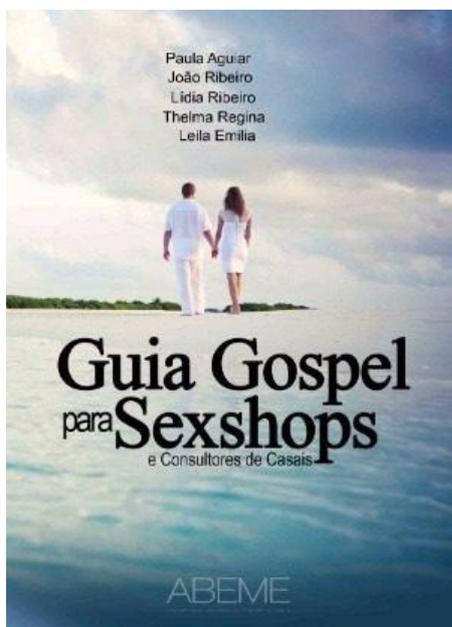
Próximo ao local das palestras estava instalado o stand da fabricante nacional de artigos eróticos INTT. Bem iluminado, com prateleiras de vidro e vendedoras maquiadas e bem arrumadas estavam expostos os artigos à venda: géis para massagem que lubrificam,

¹ Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF

² A Congregação Cristã, denominação oriunda dos Estados Unidos, é a primeira igreja pentecostal fundada no Brasil (Almeida, 2009). Dentre as doutrinas da igreja está o posicionamento apolítico e o distanciamento da mídia. Às mulheres é vetada a participação sacerdotal e recomenda-se a não utilização de maquiagem, joias, roupas curtas e decotadas e calça comprida. É também aconselhável evitar depilações e cortes e tratamentos capilares. Para Miguel (2008), essas práticas condizem com a história de discriminação da igreja e suas estratégias de posicionamento nos cenários religiosos.

³ Nos meus últimos contatos com interlocutores desse campo soube que a ABEME estava em processo de desintegração com a saída de membros fundamentais como a presidenta Paula Aguiar.

esquentam ou esfriam a pele, dão choque, funcionam como adstringente vaginal, retardam ejaculação, anestesiavam, brinquedos⁴ vibradores, masturbadores. Na feira de 2015 essa fabricante chamou atenção, principalmente, pela visibilidade de dois segmentos de cosméticos. O primeiro compreende a linha “Cinquenta Tons de Cinza” cujos cosméticos traziam nos rótulos referência à trilogia romântica e erótica que atingiu enorme sucesso como livro e nos cinemas⁵. O segundo foi, de forma semelhante ao Guia, uma iniciativa de João Ribeiro e se trata de uma linha de cosméticos eróticos voltada para público evangélico batizada de “In Heaven” que, em tradução literal, significa “No Paraíso”⁶. Os cosméticos “In Heaven” tem as cores suavizadas tanto dos géis quanto da embalagem, com a substituição de tons como roxo e vermelho – comuns em artigos eróticos – pela cor branca e um pássaro dourado em alusão ao Espírito Santo, referência fundamental em religiões evangélicas⁷, principalmente pentecostais⁸.



⁴ Gregori (2016) chama a atenção para os sentidos de brincadeira evocados pela palavra brinquedo em referência a artigos eróticos.

⁵ “Cinquenta tons de cinza” foi um verdadeiro marco no universo dos artigos eróticos ao trazer visibilidade para os usos dos artigos, principalmente os relacionados ao sadomasoquismo (ver mais em Fidalgo, 2017).

⁶ Em reportagem, João Ribeiro relatou que o nome da linha é inspirado em verso da música “Cheek to Cheek” interpretada pelo ícone do jazz norte americano Ella Fitzgerald. Da mesma forma que a música e sua letra, a linha “In Heaven” foi elaborada para viabilizar momentos de romance entre os casais. Fonte: <<http://delas.ig.com.br/amoresexo/2015-02-25/linha-erotica-para-evangelicos-tem-vibrador-liquido-e-gel-virgem-de-novo.html>> acesso em 16/05/2016.

⁷ A categoria evangélico, segundo Teixeira (2012), foi criada pelas próprias igrejas e abrange protestantes históricos, pentecostais e neopentecostais.

⁸ De acordo com Mariano (1999) os pentecostais se distinguem dos protestantes históricos na medida em que pregam, baseado em Atos 2, a contemporaneidade dos dons do Espírito Santo como a glossolalia, a cura, o discernimento de espíritos.

Imagem 1: Capa do “Guia Gospel para Sexshops e Consultores de casais” (Fonte: <<http://tonogospel.com/noticias-ler/empresas-de-sex-shop-criam-guia-especifico-para-publico-evangelico/589/>> acesso em 25/10/2018).



Imagem 2: Campanha publicitária da linha “In Heaven” (Fonte: <<http://www.orgulhodehortolandia.com.br/2016/09/industria-de-produtos-eroticos-voltados-para-o-publico-evangelico-e-destaque-da-intimiexpo-2016/>> acesso em 25/10/2018).

A venda de artigos eróticos no Brasil remonta à década de 1970 quando empresários norte-americanos instalaram em São Paulo uma rede de *sex shops*, explorando uma fatia de mercado desconhecida no país. A configuração dessas lojas pioneiras seguia um padrão comum à época, direcionado ao público masculino e com uma estética semelhante aos filmes da indústria pornográfica *mainstream*⁹, com corpos femininos e masculinos padronizados (genitálias, bumbum e seios grandes) e cabines para masturbação (principalmente masculina). Essas lojas se localizavam majoritariamente na região central da cidade, frequentada por homens que passavam pelo local, garotas de programa e

⁹ A indústria pornográfica também se segmenta para atender diversos tipos de gostos e públicos. Ver mais em Parreiras:2015 e Díaz-Benitez:2010.

travestis. Esse arranjo comercial e estético perdurou até a década de 1990 quando o mercado erótico começou a se segmentar orientado principalmente para o público feminino. Para Gregori (2004) o surgimento desse nicho voltado para mulheres se relaciona a demandas pela renovação dos papéis femininos que incluem os cuidados sexuais dentro do casamento. De acordo com a autora, a partir da década de 2000 e impulsionado por materiais midiáticos ocorre uma busca feminina pelo prazer sexual atrelado à preservação do casamento heterossexual. Essa mudança é caudatária de uma “onda” já em curso nos Estados Unidos e que resignificou os usos de géis, vibradores, dildos e outros acessórios à luz das reivindicações feministas por novas estéticas corporais e outras relações sexuais e prazeres. No Brasil, como desdobramento dessa onda que articula mercado, demandas sociais, consumo e produção, os artigos eróticos saem da marginalidade a que estavam restritos e ganham capas de revistas femininas, prateleiras em farmácias, protagonismo em boutiques eróticas e vocabulários em aconselhamentos terapêuticos. Mais que isso: os artigos eróticos chegam aos quartos dos casais como possibilidades de inovação e resgate dos relacionamentos conjugais. Trata-se do erotismo politicamente correto, da sacanagem do bem, que trazem ao exercício da sexualidade – incrementado pelos artigos eróticos – ares de cuidado, ginástica, aprimoramento do self e do relacionamento (Gregori, 2004).

É nesse contexto que surge o segmento evangélico. Há uma certa dificuldade em encontrar dados relativos ao surgimento desse nicho, embora vários portais evangélicos e outras páginas direcionadas a esse público mencionem a estadunidense Joy Wilson como precursora em seu país do que denominam “sex shop gospel”. Em entrevista concedida ao National Public Radio em 2008, a então empresária afirma que fundou uma loja *online* com artigos eróticos para cristãos quando ao procurar incrementar seu casamento encontrou somente produtos vinculados à estética pornográfica, fato que a desagradou: “I was really surprised that it was that bad”. Sua loja, que aparentemente não existe mais¹⁰, se chamava 22 Book em referência ao poema Cantares de Salomão que, além de ser o vigésimo segundo livro bíblico, consiste em poema de cunho erótico e romântico. Wilson afirmou orar por todos os objetos que anuncia em seu site¹¹.

¹⁰ Todas as minhas tentativas de busca e acesso do site foram frustradas, com erros sequenciais de acesso à página.

¹¹ Entrevista disponível em: <<https://www.npr.org/templates/story/story.php?storyId=88732070>> acesso em 02/11/2018.

Embora a loja de Wilson pareça não existir mais, sites de venda de artigos eróticos para cristãos estadunidenses são bem fáceis de encontrar a partir da busca “christian sex shops” ou “sex shops for christians”. Nesses sites, a estética é diferenciada (com referências ao céu, por exemplo) e há uma ênfase no uso conjugal dos artigos.

“Tudo me é permitido”, mas nem tudo convém. “Tudo me é permitido”, mas eu não deixarei que nada me domine.” (Coríntios, 6, 12)

No que se refere ao contexto brasileiro, a palestra de João Ribeiro, o texto do Guia Gospel e sua repercussão em mídias são material básico para compreender no escopo desse trabalho as negociações que estão em jogo nesse segmento do mercado erótico¹². Voltemos à palestra de Ribeiro que abre esse texto.

Direcionado para uma plateia de cerca de 40 pessoas, em sua maioria empresários do ramo, Ribeiro falou com entusiasmo sobre a ascensão do mercado erótico para evangélicos mesmo em um cenário de crise. Segundo dados da ABEME (e que orientaram o que chamam de Projeto Gospel) 28% dos declarados evangélicos utilizam acessórios e estimulantes eróticos enquanto a média nacional é de 17%. Baseados nesses dados colhidos e divulgados inicialmente por uma publicação gospel¹³, os empresários identificaram um mercado profícuo dada tanto a tendência à utilização dos artigos quanto o considerável aumento demográfico evangélico apresentado no último censo:

Estamos a falar de evangélicos, mas estamos também a falar de um negócio. Temos 52 milhões de pessoas engajadas nisso, um mercado muito grande. Se nós trabalharmos com respeito e dedicação temos um mercado pra nos ajudar profissionalmente. Não vamos entrar nesse mercado assim: 52 milhões de pessoas eu vou ganhar dinheiro. Não! São 52 milhões de pessoas que precisam de ajuda e nós vamos levar benefícios pra elas, apresentar soluções pra elas. Uma outra coisa: estão a dizer que estamos desenvolvendo uma linha gospel. Não é uma linha pra evangélicos, mas é uma linha pensada para o mercado sensual. Muitos casais querem usar produtos eróticos e sensuais mas tem

¹² Esse material é recorte e avanço de trabalho de mestrado defendido em 2017 pela autora cujo campo foi feito em lojas de artigos eróticos na periferia de São Paulo.

¹³ Trata-se da pesquisa “O Crente e o Sexo” realizada pelo site Genizah em parceria com a revista Cristianismo Hoje. O site lança mão do humor para criticar práticas percebidas como duvidosas – contraditórias aos preceitos bíblicos – no universo pentecostal. A revista é uma das maiores publicações para segmento evangélico no Brasil. Fonte: <<http://www.genizahvirtual.com/p/o-nome-pronuncia-se-geniza.html>> e <<http://www.cristianismohoje.com.br>> acesso em 08/05/2016.

dificuldades, tem receios em embalagens em alguns nomes. Na consultoria, nós percebemos e lançamos uma linha específica para ajudar alguns relacionamentos (Palestra de João Ribeiro, Lançamento do Guia Gospel da Sex Shop, Erotika Fair 2015).

Ainda de acordo com Ribeiro a principal barreira para expandir os negócios nessa área é o preconceito dos evangélicos com artigos eróticos, e vice-versa. Nesse sentido todo o esforço deverá ser feito pelos empresários interessados no ramo para mitigar a associação dos artigos à pornografia, aproximando-os de práticas de cuidado com o relacionamento e a saúde, algo já em curso no mercado mais amplo.

A partir de imagens e textos em slides, João Ribeiro começou a esmiuçar as especificidades do mercado evangélico. Conforme presente já em sua narrativa acima descrita, não se trata de um nicho gospel, termo negado a todo momento, mas sim de um direcionamento do mercado. Esse aspecto é muito importante pois, em toda a minha investigação não foi possível detectar uma *sex shop* gospel, mas sim uma gestão cuidadosa dos artigos fabricados e consumidos pelo público não evangélico. As recomendações de Ribeiro foram todas no sentido de vender os mesmos artigos nas mesmas *sex shops* convencionais para os casais evangélicos, com algumas alterações de vocabulários, organizações dos espaços e aconselhamentos. Retomando Douglas e Isherwood (2004), os bens eróticos são colocados em sistemas de significação e só a partir desse sistema é possível pensar em sua segmentação para casais cristãos.

A base para o sistema de bens eróticos direcionados para evangélicos é o texto bíblico e suas possibilidades de interpretação. Quando tecia suas recomendações na ocasião da palestra, Ribeiro sempre recorria à Bíblia para justificar as prescrições. A mais fundamental era justificar o próprio uso de artigos eróticos, alvo de intensas polêmicas e negociações como se verá mais adiante. Para Ribeiro, os usos de artigos eróticos devem necessariamente se vincular ao fortalecimento do laço conjugal e, em consequência, da família. Sendo assim, é vedado o uso de artigos eróticos fora do matrimônio tradicional, ou seja, heterossexual e realizado após rituais civis/religiosos. Um casal jovem, ainda no período de noivado, por exemplo, deve esperar para ter relações sexuais. Os relacionamentos homossexuais e homoafetivos sequer são mencionados, condenados deliberadamente à esfera do sexualmente marginal.

As mesmas passagens bíblicas que justificam a rejeição às relações homossexuais¹⁴ são agenciadas por Ribeiro quando recomenda aos empresários que evitem vender ou sugerir ao público evangélico quaisquer tipos de artigos voltados para a prática de sexo anal. No universo dos artigos eróticos, os cosméticos e brinquedos direcionados para penetração anal figuram entre os mais procurados (Fidalgo, 2017) e somam uma extensa variedade: géis anestésicos, lubrificantes, dilatantes, cicatrizantes e estimulantes, além de dildos e plugues estimuladores e alargadores. Essa prática é alvo de extensa polêmica sobre benefícios e malefícios, moralidades e convenções (Leal, 2005). Nas recomendações de Ribeiro – e nos discursos evangélicos de modo geral – as práticas envolvendo o ânus são totalmente proibidas e, ao lado do sexo conjugal, configuram as duas principais prescrições do segmento evangélico desse mercado.

O empresário também teceu uma série de recomendações envolvendo outros artigos e as práticas que sugerem. Velas, mousses, cápsulas explosivas¹⁵, óleos, lubrificantes líquidos e outros géis e cremes para massagem além de vibradores líquidos, excitantes, adstringentes e retardantes de ejaculação e cosméticos no geral são fortemente indicados para evangélicos. Segundo Ribeiro essas loções quando utilizadas pelo casal favorecem o contato corporal criando momentos de intimidade fundamentais para a preservação do relacionamento.

A cosmética sensual é a linha de frente da feminização do mercado erótico em curso nos últimos anos. Os géis para massagem, como são denominados nos rótulos¹⁶, funcionam como um elo entre os cuidados corporais e os usos sexuais desses fluidos e unguentos. Os lubrificantes, por exemplo, são vendidos em farmácias, fato que resulta em argumento potente para defender o distanciamento desses cosméticos de uma semântica pornográfica. A linha In Heaven – citada anteriormente e direcionada a evangélicos – conta somente com cosméticos diferenciados para agradarem esse público em específico. Dentre os artigos estão o gel para massagem “Pure” (em alusão à virgindade feminina causada pela adstringência dos músculos vaginais proporcionada pela emulsão), “Mais

¹⁴ Não pretendo me deter aqui às passagens bíblicas, mas me refiro, por exemplo, a Romanos (1, 26:27) e Coríntios (6, 9:11).

¹⁵ As bolinhas explosivas são a maior febre do mercado erótico, embora seu uso interno (e mais popular) seja proibido pela ANVISA. São invólucros plásticos com óleos perfumados ou funcionais que se rompem com calor e umidade. Ver mais em (Fidalgo, 2017).

¹⁶ Segundo Paula Aguiar, ex-presidenta da ABEME, todo artigo traz a inscrição gel para massagem no rótulo para que seja confortável deixar os cosméticos dentro de casa, visível para crianças e demais habitantes.

Prazer” (excitante feminino) e “Mais Tempo” (prolongador de ereção). Além desses, o gel para massagem “Vibe” possibilita sensação semelhante à provocada pelos vibradores¹⁷.

O caráter líquido desses artigos contribui para uma flexibilidade de seus usos e significados, em contraste com objetos e brinquedos cuja finalidade é materialmente mais definida. A fluidez dos géis, cremes e unguentos, também é a fluidez dos usos que admitem e das práticas que sugerem. Nesse sentido, as próteses, vibradores e outros acessórios com formato fálico são contraindicados por possibilitarem experiências paralelas ao imprescindível vínculo emocional do sexo entre cristãos. Ao utilizar esses “brinquedos”, há o risco de introduzir um elemento a mais na relação sexual, como se o sexo nesse caso fosse feito a três¹⁸, uma distorção inapropriada para quem pretende seguir os preceitos bíblicos. Pelo mesmo motivo as fantasias e lingerie são consideradas inapropriadas pois sugerem o desejo por um corpo que não o do cônjuge. Sobre as lingerie, é recomendado evitar sobretudo a indicação de peças vermelhas, cor associada ao mal em cosmologias cristãs. Acessórios que aludem ao universo sadomasoquista, como algemas e chicotes, também são interditos pois distorcem o que se espera do vínculo sexual do casal cristão.

Alguns artigos são alvo de negociações, dependentes das interpretações dos pastores sobre passagens bíblicas ou recomendações subjetivas. É o caso dos cosméticos e acessórios indicados para sexo oral. Enquanto alguns pastores defendem que não há nada escrito na Bíblia que condene o sexo oral, outros afirmam que a boca é feita para orar, comer e falar, vedadas felação e cunilíngua. Ribeiro deixa essa prática em aberto, recomendando aos empresários que evitem sugerir a prática para casais evangélicos, embora permaneçam atentos à demanda por esses artigos. A masturbação também é contraindicada pela mesma justificativa de romper o vínculo conjugal. Contudo, na ocasião da palestra da Erotika Fair, Ribeiro foi questionado sobre qual decisão um jovem casal deveria tomar caso fosse muito difícil postergar as relações sexuais. O empresário respondeu da seguinte forma:

¹⁷ O vibrador em gel é feito à base de jambu, uma planta amazônica que causa uma sensação semelhante à dormência quando em contato com mucosas. Sugestão em um *stand* da Erotika Fair, experimentei o vibrador em gel na bochecha e a senti anestesiada por alguns minutos.

¹⁸ Sigo ciente da importância de um debate sobre a agência desses artigos que caberia aqui a partir de Gell (2011) e da leitura que Gregori (2016) faz desses autores. Não a desenvolvo por não caber no escopo desse texto.

Quanto à masturbação. Como evangélico ela é um dos pontos contra está a Bíblia. Contudo pela ciência e pelos médicos ela é uma forma da pessoa se conhecer e se desenvolver a conhecer o corpo dela e o prazer. Pra dentro das igrejas evangélicas eu costumo dizer: mais vale a pessoa praticar a masturbação do que às vezes pecar antes do casamento, pecar antes do casamento é um pecado de morte. Então gente mais vale pecar com o corpo dela do que pecar contra o casamento. Mas essa é a minha opinião. Agora cabe à pessoa pensar: isso me faz bem, isso me faz mal e julgar com ele com Deus (João Ribeiro no lançamento do Guia Gospel da Sex Shop)

Uma das autoras do Guia, também empresária do ramo e consultora de casais, afirmou na mesma ocasião:

Em nenhum momento a gente estimula a masturbação. Porém, você pode usar um sabonete íntimo e na hora do banho a pessoa começar a se tocar, começar a sentir, prestar atenção, não tomar aquele banho rápido mas sentir a pele, sentir aonde gosta, sentir aonde tem maior sensibilidade. Isso também é uma masturbação só que não é aquela mais explícita. Mas ela vai começar a conhecer o corpo dela (trecho de palestra da Erotika Fair, março de 2015).

No breve material dos Estados Unidos, que encontrei a partir de curiosidade e de forma não sistemática em buscas pela internet, parece não haver uma preocupação muito intensa com prescrições e materialidades, visto que são vendidos vibradores e próteses sem muitas reservas. Lá, aparentemente, o que importa são os usos e a forma de venda como os discursos embutidos na propaganda e o desenho do *site*. No Brasil, onde fiz campo e cujo material é mais consistente, o direcionamento do mercado erótico para evangélicos envolve maiores cuidados como os embasamentos bíblicos, a alteração do layout dos artigos e a proibição de algumas práticas sugeridas pela venda e compra de determinados cosméticos e acessórios. Outra diferença interessante do mercado brasileiro é a não existência – até onde procurei – de lojas e *sites* específicos para evangélicos. Pelo contrário: João Ribeiro afirmou enfaticamente que não se trata de um segmento gospel, mas de uma diferenciação mais intensa para agradar um público preocupado em manter a retidão cristã em vários aspectos da vida. Os mesmos artigos e as mesmas lojas que vendem para público amplo, vendem para evangélicos. A distinção está em um treinamento de pessoal para adequação a esse público, com demandas e especificidades particulares.

De qualquer forma, no Brasil e nos Estados Unidos, o que está em jogo é todo um esforço de distanciar o mercado erótico de sua associação à pornografia que perdurou por décadas. Esse movimento, no caso singular do segmento de mercado evangélico, se faz pela afirmação da família e seus valores frente aos avanços do mundo moderno percebidos como desconfiguradores desses arranjos mais tradicionais (Machado, 1996). Para João Ribeiro as igrejas evangélicas vivem um momento de esfacelamento das famílias, dada a derrocada moral em curso na sociedade contemporânea. E é justamente esse núcleo, semente e reflexo de toda a sociedade, que precisa ser preservado nos projetos evangélicos de resguardo das moralidades cristãs.

Ribeiro citou em sua palestra na Erotika Fair diversas histórias de casais que estavam prestes a se divorciar e decompor seus projetos de família quando conheceram sua loja e foram instruídos sobre os usos de artigos eróticos e os cuidados com o relacionamento. Foi tema recorrente tanto na palestra quanto nas dúvidas da plateia o fato dos casais evangélicos se casarem relativamente cedo – antes dos 20 anos – para cumprirem os preceitos bíblicos e não praticarem sexo antes do matrimônio. Essa juventude também é inexperiência pois os jovens evangélicos não são instruídos sobre assuntos sexuais, dados os ares de tabu que o tema assume nas famílias e igrejas. Consequência dessa cadeia de circunstâncias, as relações sexuais se tornam pouco prazerosas, resultando em uma crise conjugal precoce. Somam-se a esses fatores outras condições comuns a muitos casais: a chegada dos filhos, a falta de diálogo, a rotina. Para os empresários do ramo todas essas dificuldades podem ser resolvidas com orientações dadas em consultorias de casais¹⁹ e usos adequados de artigos eróticos. Sendo assim, e nas palavras de Ribeiro, o mercado erótico evangélico e a capacitação dos consultores de casais é a profissionalização e sofisticação das recomendações pastorais para a reabilitação de famílias, projeto que deve ser prioridade no escopo das igrejas evangélicas.

“Tudo é gospel, mas nem tudo é bíblico” (comentário em portal de notícias gospel a respeito de matéria sobre sex shops para evangélicos)

Contudo esses esforços comerciais e pastorais de distanciamento da imagética pornográfica estão longe de ser unanimidade e esgotar todas as narrativas que se desenrolam a partir do mercado erótico. Ao longo do texto e em referência aos cosméticos

¹⁹ Consultoria de casais é o nome dado ao aconselhamento feito por empresários do ramo erótico a casais com dificuldades conjugais. Essa prática se assemelha a uma terapia, embora não seja necessária qualquer qualificação e as soluções envolvam o consumo de artigos vendidos pelos próprios consultores.

e acessórios, evitei usar o termo “produto” pois ele indica a finalização de um processo. O que não é o caso dos artigos eróticos: eles são o tempo todo produtores de prazeres, pecados, regras e disputas. Retomando Ingold (2011), os artigos eróticos estão emaranhados em uma teia de relações e minha tarefa quando agencio os bens para pensar (Douglas e Isherwood, 2009) é desfiar um desses fios e colocar à luz questões que eles podem trazer.

Embora as prescrições elaboradas por João Ribeiro e os empresários do ramo sejam cuidadosas, fruto de trabalho e conhecimento de quem transita tanto pelo universo religioso evangélico quanto pelos recursos do mercado, elas não são unanimidade e são alvo de intensas disputas – e acusações – sobre o que é ser crente e o que não é. A sexualidade e sua condução funcionam como termômetros que regulam a fidelidade dos evangélicos, a capacidade do fiel de agir de acordo com a pastoral cristã. Os artigos são, então, os reveladores: a partir deles, de sua aceitação, de sua compra e de seus usos, é possível distinguir, de acordo com os agentes que mobilizam as disputas, entre quem leva a sério a conduta religiosa e quem não leva, entre quem peca e quem é santo.

Todas essas disputas e acusações, monitoradas através de comentários em sites e mídias sociais, orbitam em torno das porosas fronteiras que distanciam – mas não separam – pornografias, cuidados, prazeres e pecados. Para salvar a família, eixo cristalizado das moralidades cristãs, mercado, pastores e fieis cooperam justamente elementos do universo pornográfico, percebido como o polo oposto, ameaçador principal. E essa cooperação, como seria previsível, não passa ilesa.

Na ocasião do lançamento do Guia Gospel e da linha In Heaven na Erotika Fair de 2015, portais de notícias, sites de conteúdo evangélico e programas de televisão visibilizaram o surgimento do nicho. O site Gospel Mais²⁰ trouxe em sua página algumas afirmações de João Ribeiro sobre a venda desses artigos para público evangélico, informações semelhantes e resumidas da palestra de lançamento do Guia Gospel. Além das explicações, o portal ilustrou a reportagem com uma fotografia do casal João e Lídia Ribeiro associada à frase: “o público evangélico acabou por descobrir a cosmética sensual”. Essa fotografia foi retirada de entrevista concedida pelo casal ao portal G1 que mencionou os lançamentos em reportagem sobre a Erotika Fair²¹. O UOL, grande portal

²⁰ <<https://noticias.gospelmais.com.br/sex-shop-gospel-feira-erotica-sexual-crista-90020.html>> acesso em 04/11/2018.

²¹ <<https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/linha-gospel-vibrador-com-camera-veja-novidades-de-feira-erotica-no-rio.ghtml>> acesso em 04/11/2018.

de notícia brasileiro, também destinou reportagem à segmentação do mercado e incluiu depoimentos de Alessandra Seitz, diretora da fabricante INTT que lançou a linha In Heaven:

"Quando elaboramos a linha, pensamos em fazer algo que deixasse as pessoas mais à vontade em ter um produto sensual na bolsa. As embalagens não têm tantos desenhos, são brancas e os nomes são mais sutis. Os sabores e aromas também são mais suaves. Em uma linha comum, colocamos pimenta e vinho tinto, no gospel, optamos por melão e canela" (Alessandra Seitz para o portal UOL²²)

O programa Super Pop, comandado pela apresentadora Luciana Gimenez e exibido pela emissora RedeTv produziu extensa reportagem sobre o assunto e visitou a loja do casal Ribeiro localizada em Jandira, município da Grande São Paulo. No programa, ela trouxe ao palco algumas personalidades evangélicas: duas modelos que trabalham com conteúdo sensual, uma cantora de funk que se converteu e se tornou cantora gospel, um naturista e um pastor. O tema central do programa era a modernização dos costumes evangélicos²³. Menos que esmiuçar essas reportagens ou analisa-las profundamente, o que interessa aqui são os comentários e reações que geraram, capazes de revelar – ainda que superficialmente – uma parte dos argumentos que envolvem as disputas em torno das sexualidades reveladas pelos artigos eróticos. Nesse sentido o esforço é perceber o teor das acusações e defesas, verificando em que medida eles tecem controvérsias públicas que escancaram não só as regulações do quarto do casal, mas disputas em outras escalas. Na matéria do site Gospel Mais os comentários são feitos através de perfis do Facebook, o que permite acessar informações sobre os usuários e perceber que, de acordo com esses dados, são em sua maioria evangélicos. Os “comentadores” da matéria sobre mercado erótico evangélico defendem, grosso modo, que as adaptações feitas pelos empresários não são suficientes. Em seus argumentos, não é porque algo é definido gospel que automaticamente se torna santo ou bíblico:

²² <<https://universa.uol.com.br/noticias/redacao/2015/03/06/guia-e-criado-para-aproximar-mercado-erotico-e-publico-evangelico.htm>> acesso em 04/11/2018.

²³ Programa disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9TP_nAZMFHs> acesso em 04/11/2018.

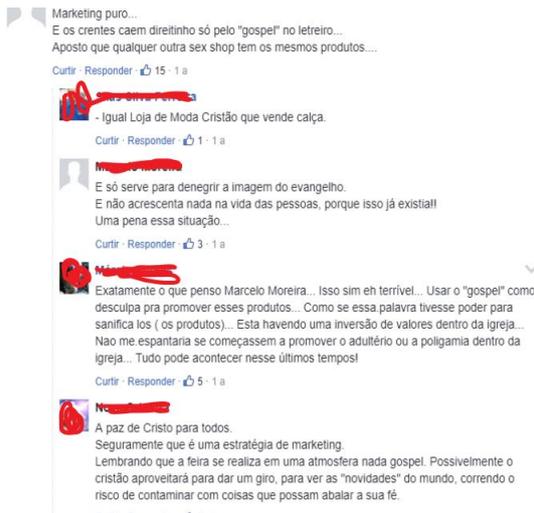


Imagem 3: Comentários do site Gospel Mais. Fonte: <<https://noticias.gospelmais.com.br/sex-shop-gospel-feira-erotica-sexual-crista-90020.html>> acesso em 04/11/2018.

A despeito de alguns comentários favoráveis, afirmando que o casal deve incrementar o relacionamento, as mesmas objeções se repetem, como acusações de não santidade ou divergência dos propósitos bíblicos de um matrimônio livre de pecados.

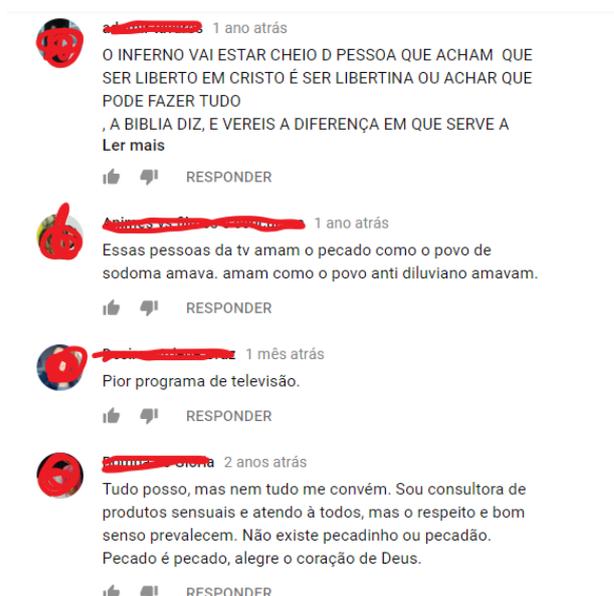


Imagem 4: Comentários do vídeo Youtube do programa SuperPop sobre evangélicos modernos. Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=9TP_nAZMFHs> acesso em 04/11/2018.

Os mesmos esforços de agenciar a Bíblia para justificar os usos de artigos eróticos são feitos no sentido contrário, ou seja, para condená-los. O texto bíblico funciona como o eixo de um “cabo de guerra” que joga os artigos eróticos como uma totalidade homogênea no terreno dos prazeres ou dos pecados, de forma exclusiva.

Essa visibilização em referência ao mercado erótico apresentado anteriormente oferece contornos interessantes para se pensar questões candentes nos cenários religiosos brasileiros contemporâneos²⁴. Os artigos segmentados para evangélicos e sua publicização funcionam aqui como feixes de luz que iluminam questões envolvendo evangélicos e outros repertórios cotidianos, da vida pública e privada – que estão cada vez menos separadas.

A primeira questão diz respeito à própria sexualidade que assume posição fundamental na regulação de moralidades envolvendo evangélicos. Por se relacionar diretamente aos laços e relações familiares, onde se cristalizam e se continuam os valores cristãos, a sexualidade é alvo de intensa regulação e vigilância. Cabe aqui pensar em como empresários, pastores e fieis configuram e cooperam pastorais da sexualidade, instigando práticas, discursos (Foucault, 2011) e usos de artigos eróticos para criarem limites e possibilidades entre o permitido e interdito. Através dos cosméticos e acessórios o quarto do casal transborda e é possível acessar o que é feito ali dentro, recomendando determinadas práticas e criticando outras. Se nesse caso esses desenhos ocorrem pela cooperação do mercado e pelo agenciamento de objetos e cosméticos em sistemas de significação, diversas igrejas evangélicas empenham projetos de cursos para casais e jovens, buscando reforçar os limites entre a boa e a má sexualidade, fixando o que é pureza e o que é perigo, o que é prazer e o que é pecado (Douglas, 2012). Contudo é importante ressaltar que as normas não esgotam as práticas que são negociadas e redesenhadas o tempo todo de acordo com o bom senso, como afirmou uma das comentaristas do Youtube (Imagem 4). Em campo na periferia de São Paulo constatei através dos discursos de proprietárias de *sex shops* e evangélicas que há uma distância enorme entre o que se diz e o que se faz. As interlocutoras da pesquisa revelaram, por exemplo, que os cosméticos mais consumidos entre o público que se diz evangélico são os indicados para prática de sexo anal. De acordo com as lojistas não há mal ou incoerência nisso mesmo pois mesmo que saibam da contraindicação religiosa esses consumidores negociam diretamente com o sagrado, cientes de que não fazem o mal e tem o coração limpo (Fidalgo, 2017). As narrativas dessas interlocutoras demonstram que pureza e pecado fazem parte de um jogo complexo que não deixa de conter e possibilitar prazeres.

²⁴ Esses debates são centrais no grupo temático de pesquisa do qual faço parte e que é filiado ao CEBRAP, financiado pela FAPESP e orientado pela Dr.^a Paula Montero.

O segundo aspecto iluminado pelos artigos eróticos diz respeito às exposições públicas da fé e da religião. Cada vez menos as práticas religiosas se restringem ao espaço privado e/ou às igrejas e ganham as ruas e redes sociais como estratégias e práticas intencionais ou não de visibilidade. De acordo com Montero (2016) o que se configura nos cenários contemporâneos é uma religião pública, que se produz publicamente e intensamente o tempo todo. Marchas, *sites*, músicas, programas de televisão, novelas, bens, compõem vastos repertórios religiosos acionados por pessoas religiosas ou não, mas que mantêm publicamente em evidência o que se diz e o que se faz em circuitos evangélicos. As disputas sobre ser ou não crente mobilizadas nos comentários das reportagens sobre os artigos eróticos acima ilustradas evidenciam essa produção das religiosidades que ocorre através de imagens, argumentos, recorrências à Bíblia e interpretações, possivelmente longe dos olhos dos pastores, mas como uma continuidade dessas recomendações e visível aos olhos de todos.

O terceiro e último aspecto concatena os dois primeiros e coloca todos esses elementos juntos em um curto circuito. Conforme já ficou evidente nas narrativas das interlocutoras da periferia de São Paulo e na publicização das disputas, é difícil – para não dizer impossível – delimitar as fronteiras desses sistemas religiosos e de consumo na prática, fora das retóricas dos pastores e empresários. As bolinhas explosivas, proibidas pela ANVISA, contraindicadas pela ABEME, sugeridas por João Ribeiro, condenadas pelos comentaristas no site do Gospel Mais, são indicadas pelo pastor Cláudio Duarte cujos vídeos numerosamente visualizados na plataforma Youtube circularam como recomendações conjugais tanto nas lojas *sex shop* da periferia de São Paulo quanto no grupo Whatsapp da minha família, que tem inclinações espíritas, católicas e budistas. Seguir os artigos, como sugeriu Appadurai (2008) proporciona esse efeito de perceber como o mercado funciona como um tentáculo que parece compreender, mediar e operar tudo, mas está longe disso como qualquer outra tentativa – inclusive antropológica – de categorizar, sistematizar, separar. Cabe compreender a produção resultante desse caos que coloca pureza e perigo, pornográfico e cuidado, público e privado, pecado e prazer no mesmo “caldeirão”, ao sabor das interpretações, plataformas, visualizações, usos e interações, a despeito de quaisquer esforços feitos no sentido contrário. Produzir pecados, gerir prazeres, consumir cuidados, em todas as combinações de verbos e objetos possíveis.

Referência bibliográficas:

AGUIAR, Paula; RIBEIRO, João; RIBEIRO, Lídia; REGINA, Thelma; EMILIA, Leila. *Guia Gospel para Sex Shop e Consultores de Casais*. São Paulo: ABEME, 2014.

ALMEIDA, Ronaldo; MONTERO, Paula. Trânsito Religioso no Brasil. *São Paulo em Perspectiva*, 15(3). São Paulo, 2001.

APPADURAI, Arjun. Introdução: mercadorias e a política de valor. In: APPADURAI, Arjun (org.) *A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Niterói: EdUFF, 2008.

BÍBLIA. Português. *Bíblia sagrada, edição pastoral, contendo o antigo e o novo testamento*. Tradução de Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin. São Paulo: Editora Paulus, 1990.

BIRMAN, Patrícia. Mediação feminina e identidades pentecostais. *Cadernos Pagu* (6-7). Campinas, 1996

CARRARA, Sérgio. Políticas e direitos sexuais no Brasil Contemporâneo. *Bagoas*, n.5. Natal: UFRN, 2010.

DÍAZ-BENÍTEZ, Maria Elvira. *Nas redes do sexo*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2010.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. *O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.

_____. *Pureza e Perigo*. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 2012.

FIDALGO, Maisa. Prazeres pentecostais: negociando intimidades e artigos eróticos no Capão Redondo e Jardim Ângela. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2017.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade III: O cuidado de si*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

FRY, Peter. Estética e Política: Relações entre “raça”, publicidade e produção da beleza no Brasil. In: GOLDENBERG, Mirian (org.). *Nu e Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002.

GELL, Alfred. *Art and Agency*. Oxford: Oxford University Press, 1998.

GREGORI, Maria Filomena. Prazer e perigo: notas sobre feminismo, sex-shops e S/M. In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena; CARRARA, Sérgio. (org). *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

_____. *Prazeres Perigosos: erotismo, gênero e limites da sexualidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

INGOLD, Tim. *Being Alive: essays on movement, knowledge and description*. London: Routledge, 2011.

JAMES, Erika Leonard. *Cinquenta tons de cinza*. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2012.

_____. *Cinquenta tons mais escuros*. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2012.

_____. *Cinquenta tons de liberdade*. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2012.

LEAL, Andréa Fachel. Práticas Sexuais no Contexto da Conjugalidade: o que implica a intimidade? In: HEILBORN, Maria Luiza; DUARTE, Luiz Fernando Dias; PEIXOTO, Clarice; BARROS, Myrian Lins de. (orgs.). *Sexualidade, família e ethos religioso*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

MACHADO, Maria das Dores Campos. *Carismáticos e Pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar*. Campinas: Editora Autores Associados, 1996.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

_____. Crescimento pentecostal no Brasil: fatores internos. *Revista de Estudos da Religião, ano 8, dez. 2008*. São Paulo, 2008.

MIGUEL, Iranilde Ferreira. *Gênero, pentecostalismo e formação de professores na construção da cidadania: as professoras na Congregação Cristã do Brasil*. Dissertação de mestrado. Departamento de Educação. Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista. Presidente Prudente, 2008.

MILLER, Daniel; SLATER, Don. Etnografia on e off-line: cibercafés em Trinidad. *Horizontes antropológicos vol.10 no.21*. Porto Alegre, 2004.

PARREIRAS, Carol. *Altporn, corpos, categorias, espaços e redes: um estudo etnográfico sobre pornografia online*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Ciências

Sociais. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2015.

TEIXEIRA, Jacqueline Moraes. *A mulher universal: corpo, gênero e pedagogia da prosperidade*. Rio de Janeiro: Editora Mar de Ideias navegação cultural, 2016.